

**O LÉXICO DAS REGIÕES NORTE E SUL:
DISCUTINDO DADOS DO PROJETO ALiB**

Mércia Cristina dos Santos (UFMS)

santosmercica98@gmail.com

Aparecida Negri Isquerdo (UFMS/CNPq)

aparecida.isquerdo@gmail.com

RESUMO

Este trabalho analisa designações para o conceito “a ponta roxa no cacho da banana”, questão 44 do QSL – Questionário Semântico-Lexical que integra o Questionário Linguístico do Projeto ALiB (*Atlas Linguístico do Brasil*), área semântica *atividades agropastoris*. Este estudo tem como objetivo analisar um recorte da norma lexical regional de falantes das regiões Norte e Sul do Brasil. Os dados analisados foram fornecidos por 72 informantes oriundos da região Norte e 164 da região Sul, naturais das localidades do interior pertencentes à rede de pontos do Projeto ALiB (236 inquéritos linguísticos). Foram apurados três itens lexicais na região Sul – *mangará*, *flor* e *umbigo* – e três na região Norte – *coração*, *flor*, *umbigo*. A análise dos dados considerou a dimensão diatópica, ou seja, a distribuição espacial das diferentes variantes lexicais documentadas em regiões distintas e a léxico-semântica que se apoia na consulta a dois dicionários da língua portuguesa: Antônio Houaiss (2001) e Caldas Aulete (2014). O estudo se fundamenta em pressupostos teóricos da dialetologia e da lexicologia. Os resultados apontaram semelhanças e diferenças regionais, posto que houve o registro das variantes *flor* e *umbigo* nas duas regiões em estudo e de *mangará* somente na região norte e de *coração* apenas no sul.

Palavras-chave: norma lexical, Norte/Sul, Brasil.

1. Introdução

O léxico, conjunto vocabular de uma língua, é utilizado pelo homem para nomear o mundo que o cerca. Assim, o repertório lexical das comunidades linguísticas reflete as construções sociais e culturais de diferentes épocas da história. Nesse viés, o léxico é considerado patrimônio da sociedade por perpetuar crenças, tradições e ideologias e contribuir para a construção de visão de mundo e conhecimento dos falantes.

Cabe à sociolinguística, ramo da linguística que estuda as relações entre língua e sociedade, analisar o comportamento linguístico dos membros de uma dada comunidade, levando em consideração relações sociais, culturais e econômico. Já a dialetologia se volta para o estudo de traços regionais evidenciados por uma língua e investiga o contraste entre os usos linguísticos em regiões geográficas distintas, como no caso do

Brasil que, por ser um país de grande extensão territorial, possui vasta diversidade de “falares” que singularizam o português brasileiro. O produto de estudos sobre a variação linguística em termos espaciais é documentado por meio de atlas linguísticos (estaduais, regionais, nacionais), ou de trabalhos monográficos sobre a norma linguística de uma determinada localidade (fonética, vocabulário, sintaxe...). Ambas as modalidades de registros se voltam para estudos de normas regionais, baseados em dados empíricos coletados por meio de pesquisas de campo em uma determinada comunidade linguística.

Em cada uma dessas comunidades, costuma haver modos peculiares de falar (ou seja, há normas específicas) e o comportamento normal do falante é variar sua fala de acordo com a comunidade de prática em que ele/ela se encontra. É parte do repertório linguístico de cada falante um senso de adequação, ou seja, ele/ela acomoda seu modo de falar as práticas correntes em cada uma das comunidades de prática a que pertence. (FARACO, 2008, p. 38)

Para este trabalho, selecionamos um recorte do léxico em uso nas regiões Norte e Sul do Brasil, documentados por meio de entrevistas orais realizadas pela equipe de pesquisadores do Projeto ALiB – *Atlas Linguístico do Brasil*. O estudo tem como principal objetivo analisar as designações para a “inflorescência do cacho da banana”, pergunta 44 do QSL – Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB, buscando verificar as relações entre léxico, com cultura, sociedade e a distribuição espacial das variantes lexicais em análise.

2. *Questões teóricas*

As línguas naturais refletem os recursos utilizados pelos falantes para promover a comunicação e a interação em sociedade. Como já assinalado, a sociolinguística investiga a relação entre língua e sociedade, levando em conta os usos da língua e as funções que os seus elementos exercem dentro do sistema linguístico – a língua. Assim, os usuários de uma dada língua, ao manterem relações comunicativas com indivíduos de diferentes contextos sociais, contribuem para a manutenção e/ou renovação do léxico que podem resultar em variações linguísticas, resultantes, por exemplo, de mudanças semânticas, de surgimento de novos itens lexicais ou desuso de outros: “a língua sofre materialmente influência do quadro ambiental em que se acham os seus falantes”. (SAPIR, 1969, p. 44-45)

O léxico é um dos níveis da língua que melhor reflete as relações

culturais, sociais e históricas que se estabelecem entre diferentes povos, além de manifestar aspectos da identidade dos falantes à medida que as escolhas lexicais dos indivíduos consolidam crenças, tradições e ideologias. O

léxico é, pois, um sistema aberto com permanente possibilidade ampliação, à medida que avança o conhecimento, quer se considere o ângulo individual do falante da língua, quer se considere o ângulo coletivo da comunidade linguística. (BIDERMAN, 2001, p. 12)

Nesse sentido, os falantes de diferentes áreas geográficas elegem denominações distintas para os elementos que compõem o mundo que os cercam. Por meio do estudo das normas lexicais é possível examinar as regras sociais que regem o repertório vocabular dos indivíduos de determinada comunidade, pois, como aponta Eugenio Coseriu (1979, p. 74), a norma “é, com efeito, um sistema de realizações obrigatórias, de imposições sociais e culturais, e varia segundo a comunidade”. As normas regionais refletem, em especial no nível lexical, a realidade linguística e cultural de uma dada região. Logo, “dentro da mesma comunidade linguística nacional e dentro do mesmo sistema funcional é possível comprovar várias normas [...] distintas, sobretudo no que concerne ao vocabulário”. (COSERIU, 1979, p. 75)

Nesse contexto, cabe à dialetologia investigar a “diversidade de usos da língua, particularmente aquela que se esboça no espaço geográfico” (CARDOSO, 2008, p. 20). As variações do repertório lexical de uma dada comunidade linguística sofrem, pois, influências espaciais que são incorporadas à língua no decorrer do tempo, isso somado às atitudes sociais dos indivíduos.

3. Metodologia

Os dados aqui tomados como objeto de estudo é um recorte do material linguístico documentado pelo Projeto ALiB (*Atlas Linguístico do Brasil*) nas regiões Norte e Sul do Brasil. O Questionário Linguístico do Projeto ALiB reúne três tipos de questionários: o QFF – Questionário fonético- fonológico; o QSL – Questionário Semântico-Lexical e o QMS – Questionário. O QSL contém 14 áreas semânticas que agrupam 202 perguntas. Neste trabalho foram analisadas as respostas para a pergunta 44 do QSL – “a ponta roxa no cacho da banana?”, vinculada à área semântica *Atividades agropastoris*. (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 24-25)

O Projeto ALiB tem como propósito mais amplo documentar os diversos falares existentes em toda extensão territorial do Brasil e, para tanto, entrevistou 1.100 informantes naturais das 250 localidades que compõem a rede de pontos do ALiB. Este trabalho atém-se aos pontos relativos às localidades do interior das regiões Norte (18 localidades distribuídas em seis estados) e Sul (41 localidades pertencentes a três estados).¹⁶⁸

As denominações para a “inflorescência do cacho da banana” (QSL/44) foram extraídas diretamente dos áudios dos inquiridos, confirmados pelas transcrições das entrevistas e sistematizadas em planilhas do Excel para, em seguida, serem analisadas segundo a perspectiva diatópica que leva em conta a distribuição espacial dos itens lexicais coletados, considerando, para tanto, questões como a localização geográfica, área de fronteira, fluxos migratórios, dentre outros fatores. Os dados são analisados também sob a perspectiva léxico-semântica apoiando-se em dois dicionários da língua portuguesa: *Dicionário Houaiss* (2001) e *Dicionário Aulete online* (2014).

4. Análise dos dados

Como já assinalado, os dados foram examinados a partir de duas perspectivas: diatópica e léxico-semântica. A dimensão diatópica foi demonstrada por meio de tabelas com os percentuais de ocorrência das unidades lexicais que compõem o *corpus* de análise neste trabalho; por meio de gráficos que demonstram o comportamento desses mesmos itens lexicais de acordo com a região. Como síntese os dados analisados foram mapeados por meio de cartas lexicais. Na sequência, a segunda etapa da análise voltou-se para a questão da dicionarização das variantes lexicais em estudo em dois dicionários de língua portuguesa: *Dicionário Aulete online* (2014) e *Dicionário Houaiss* (2001).

4.1. Dimensão diatópica

Na região Norte foram validadas nove das unidades lexicais fornecidas como resposta para a pergunta 44/QSL/ALiB como denominação

¹⁶⁸ As capitais de estado não figuram nos quadros porque não se constituíram objeto de estudo deste trabalho. Os dados das capitais já foram apresentados no vol. 2 – ALiB. (CARDOSO *et al*, 2014)

da “inflorescência do cacho da banana”: *mangará/magará, flor, umbigo, badalo, olho da banana, talo, buzo, umbigo da banana e maçã da banana*. A Tabela 1 apresenta a organização dos dados a partir do total de ocorrências no conjunto das 18 localidades da região Norte.

Item lexical	Quantidade	Porcentagem
Badalo	2	2,9%
Flor	4	5,8%
Umbigo/Imbigo	3	4,2%
Mangará/magará	28	40%
Olho da banana	2	2,9%
Buzo	1	1,4%
Umbigo da banana	1	1,4%
Maçã da banana	1	1,4%
NR ¹⁶⁹	28	40%
TOTAL	70	100%

Tabela 1: Denominações para a “inflorescência do cacho da banana” na região Norte e índices de produtividade.

Fonte: Banco de Dados do ALiB – região Norte. Elaborado pelas autoras.

Item lexical	Quantidade	Porcentagem
Coração	41	25,2%
Flor	32	19,7%
Flor da Banana	2	1,2%
Umbigo/Imbigo	28	17,2%
Coração da banana	1	0,6%
Olho da banana	1	0,6%
Ponta	1	0,6%
Umbigo da banana	1	0,6%
Nó da banana	1	0,6%
NR	55	33,7%
TOTAL	163	100%

Tabela 2: Denominações para a “inflorescência do cacho da banana” na região Sul do Brasil e índices de produtividade.

Fonte: Banco de Dados do ALiB – região Sul. Elaborado pelas autoras

Já os dados da região Sul como resposta para a questão 44 do QSL “inflorescência do cacho da banana” computaram dez itens lexicais: *coração, flor, umbigo, miolo, flor da banana, coração da banana, olho da banana, ponta, umbigo da banana e nó da banana*. A Tabela 2 traz a

¹⁶⁹ Não resposta

organização dos itens colhidos e validados com a respectiva produtividade em números absolutos e percentuais.

Os dados apresentados por meio das Tabelas 1 e 2 mostram que grande parte dos informantes tem dificuldades para atribuir nome ao conceito contemplado pela pergunta 44/QSL, o que é confirmado pelo alto índice de ausência de respostas (de 168 respostas, 55 são de não resposta). Os falantes entrevistados confirmam, em seus comentários, não conhecer esse referente, como atestam os seguintes informantes de Vacaria (SC) (ponto 237) e de Bagé (RS) (ponto 248):

A. INF: Aqui não tem pé de banana, não conheço (Informante 2/237)

B. INQ: você já viu uma bananeira?

INF: não

INQ: aqui não tem né, então é difícil (Informante 2/248)

O gráfico, na sequência, apresenta em termos percentuais, a produtividade das variantes lexicais documentadas para nomear a “inflorescência do cacho da banana” nas duas regiões em exame.

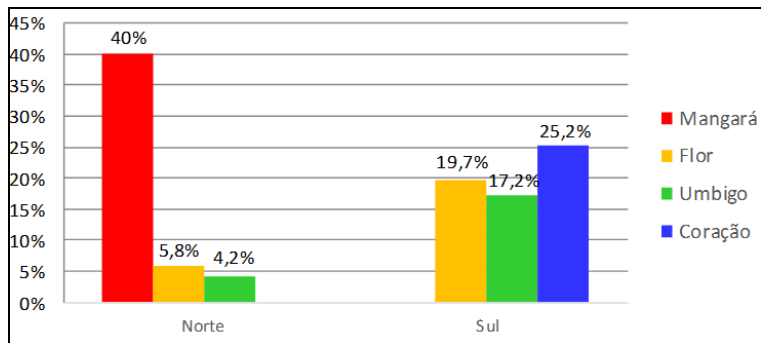


Gráfico 1: Denominações para a “inflorescência do cacho da banana” nas regiões Norte e Sul e respectivos índices de produtividade

Nota-se a partir dos dados relativos à região Norte que a unidade lexical *mangará* atingiu 40% de ocorrências, configurando-se como uma forma regional que integra o vocabulário dos falantes dessa região. Por sua vez, o item lexical *coração*, documentado na região Sul, representa 25,2% das respostas. Na região Norte a variante *flor* obteve 5,8% de registros enquanto na região Sul atingiu 19,7% de ocorrência. Na sequência, a unidade lexical *umbigo* alçou 4,2% das respostas na região Norte e 17,2% na região Sul. Os itens lexicais com maior produtividade nas loca-

lidades da região Norte foram mapeados na carta lexical apresentada na Fig. 1 a seguir.

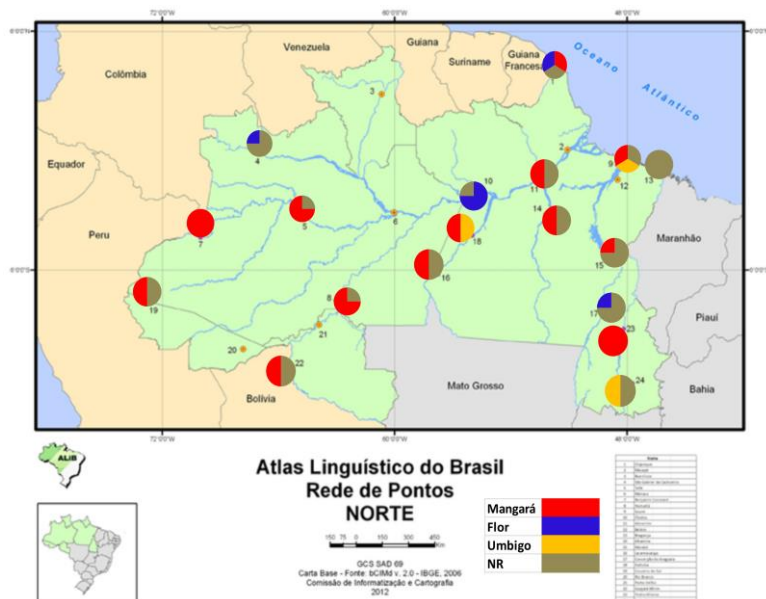


Figura 1: Distribuição diatópica das denominações para a “inflorescência do cacho da banana” na região Norte

A distribuição dos dados da carta apresentada na Fig. 1 demonstra que em todos os estados houve casos de não resposta (NR), demonstrando que o número de informantes que não sabe nomear ou que não conhece o referente descrito na pergunta 44/QSL é significativo.

Dentre os itens lexicais mais produtivos, situa-se *mangará* de uso predominante na região Norte. A unidade *flor* aparece em quatro localidades: em Oiapoque (AP) localizada próximo à fronteira com a Guiana Francesa; em São Gabriel da Cachoeira (AM) fronteira com a Venezuela e Colômbia; em Óbidos (PA), cidade localizada próximo à divisa com o estado do Amazonas e em Conceição do Araguaia (PA) situada ao sul do estado do Pará, divisa com o Tocantins. Já o item lexical *umbigo* foi citado como resposta pelos informantes de três localidades: Soure e Itaituba, ambas ao norte do estado do Pará, e Natividade (TO) situada próximo à divisa com o estado de Goiás.

Na sequência, podemos observar por meio da visualização da Fig.

2 as variantes lexicais mais produtivas na região Sul:

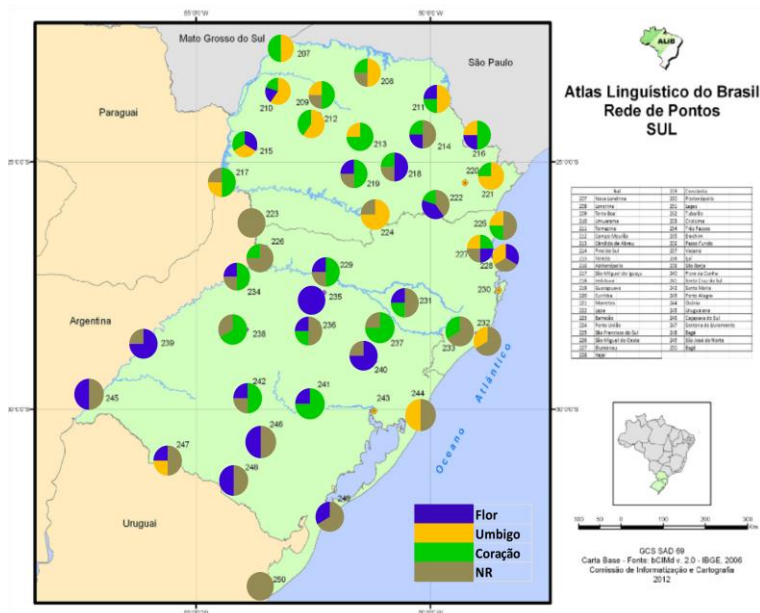


Fig. 2: Distribuição diatópica das denominações para a “inflorescência do cacho da banana” na região Sul

Assim como na carta relativa aos dados da região Norte (Fig. 1), nota-se que o índice de não resposta (NR) também é bastante elevado na região Sul, com maior concentração no Rio Grande do Sul. Em duas localidades sulistas – Barracão/ponto 223/SC e Chui/ponto 250/RS – houve 100% de NR.

A unidade lexical mais produtiva em todo território da região Sul foi *flor*, seguida de *umbigo* e de *coração*. O Rio Grande do Sul foi o estado em que a forma *flor* foi mais produtiva. Já a variante lexical *umbigo* teve maior concentração no estado do Paraná, sobretudo, nas áreas próximas à divisa com o estado de São Paulo e nas áreas litorâneas. Duas únicas localidades do Estado de Rio Grande do Sul tiveram *umbigo* como forma produtiva: Osório (ponto 244) e Santana do Livramento (ponto 247). Por fim, a unidade lexical *coração*, também registrada em toda extensão territorial da região Sul com significativa produtividade, obteve maior índice de ocorrência em Santa Catarina e no Paraná.

4.2. Dimensão léxico-semântica

O item lexical *mangará*, que foi o mais produtivo na região Norte, é definido pelo *Dicionário Houaiss* (2001) como uma “extremidade bulbosa da inflorescência da bananeira, roxa ou castanho-avermelhada; buzina, coração” e marcado como um regionalismo do Nordeste do Brasil. No *Dicionário Aulete* (2014), *mangará* é definido como “Bras. N.E. Ponta terminal da inflorescência da bananeira”. Nota-se, pois, que o *corpus* do ALiB amplia a área de uso de *mangará* e fornece dados para os lexicógrafos no que diz respeito ao registro de marcas dialetais em dicionário geral de língua, no caso do *mangará*, também um regionalismo do Norte do Brasil. O item *mangará* foi aqui considerado como uma variante de *mangará*.

Já a unidade lexical *coração* é definida, no *Dicionário Aulete* (2014), como “qualquer desenho, figura ou objeto que estilize a forma do coração humano” e no *Dicionário Houaiss* (2001) como “a parte mais central, principal ou profunda de algo”; “forma que evoca a aparência do coração humano” e “comum a numerosas plantas de diversas famílias, cujas folhas ou frutos têm a forma de coração”. Mesmo que os dicionários não apontem o uso da forma *coração* como denominação da “inflorescência do cacho da banana”, as diferentes acepções apresentadas contêm semas como o formato e a cor que “lembram” um coração humano, o que pode justificar o seu uso para denominar a parte do cacho da banana, por analogia estabelecida pelos falantes entre os dois referentes, o coração humano e o “coração” do cacho da banana.

A outra variante lexical documentada – *umbigo* – foi produtiva nas duas regiões estudadas, mas com maior índice de ocorrência na região Sul. No *Dicionário Houaiss* (2001) a forma *umbigo* é definida como “formação carpelar anômala, mais ou menos protuberante, presente no ápice de certos frutos, como na laranja-da-baía, que lembra o umbigo humano” e no *Dicionário Aulete* (2014) como “depressão, ou protuberância, que apresenta a forma de um umbigo (umbigo da maçã/da laranja)”. A característica de protuberância do referente alcança destaque, apesar de estar situado na parte inferior do cacho, daí o uso do item lexical *umbigo* como denominação dessa parte do cacho da bananeira.

Flor, outro item lexical que integra o *corpus* deste estudo, aparece definido como algo “comum a qualquer planta cultivada como ornamental por suas flores” (HOUAISS, 2001) e como “órgão reprodutor das angiospermas, ger. com cores vivas e odor agradável, constituído por dois

conjuntos de folhas (cálice e corola) que protegem as estruturas masculinas (androceu) e/ou femininas (gineceu); uma flor pode ser hermafrodita ou unissexual” (AULETE, 2014). Esse item lexical é ainda definido por esse mesmo dicionário (AULETE, 2014) como:

A flor é, na verdade, o suporte dos órgãos de reprodução de certas plantas. Em algumas dessas plantas cada flor contém tanto os órgãos masculinos quanto os femininos (bissexuais); em outras, há flores com os órgãos masculinos e outras flores com os órgãos femininos (flores unissexuais), e há também plantas em que as flores unissexuais masculinas estão num pé e as femininas estão em outro. Uma flor completa compreende a haste, ou cabo, ou perianto (a parte mais vistosa, mas estéril) e, no interior deste, os órgãos de reprodução. Independentemente de sua importância funcional, a flor se destaca por sua beleza, seu colorido e seu perfume, o que faz dela um valorizado e requisitado produto, e de seu cultivo e comercialização uma atividade econômica.

Nota-se pelas definições da unidade lexical *flor* a referência à formação do conjunto frutífero que dá origem ao cacho da banana. É por meio da inflorescência, caracterizada pelo pêndulo, que as frutas vão ganhando forma para atingir o estágio ideal para consumo.

Na sequência temos a forma *badalo*, definida pelo *Dicionário Houaiss* (2001) como “peça metálica pendente no interior de sinos, campainhas, sinetas etc., contra cujas paredes é levada a se chocar para fazê-los vibrar sonoramente” e por Caldas Aulete (2014) na acepção de “peça de metal pendurada dentro do sino, usada para fazê-lo soar”. Nesse caso, a motivação pelo uso da variante *badalo* parece estar na aparência e na localização do referente, situado na parte inferior do cacho de banana. Há uma relação entre o objeto pendurado dentro do sino e a *inflorescência do cacho da banana*, também pendurada no cacho.

Flor da banana, umbigo da banana, maçã da banana, nó da banana e olho da banana são nomes compostos atribuídos à “inflorescência do cacho da banana”, os dois primeiros, como citado anteriormente, relacionam-se à característica protuberante do referente contemplado pela pergunta 44/QSL/ALiB; o terceiro (*maçã da banana*) aponta para um caso de extensão de sentido resultante da associação entre as características físicas da inflorescência do cacho da banana e as da fruto maçã, em termos de cor e de formato. Caso similar ocorre com as unidades *nó da banana* e *olho da banana*, casos em que a associação semântica é motivada pela associação entre os referentes normalmente nomeados pelas formas *nó* e *olho* e o contemplado pela pergunta do Questionário Semântico-Lexical do ALiB selecionado para o estudo.

Outra unidade léxica documentada foi *ponta* que, no *Dicionário*

Houaiss (2001), é definida como “qualquer extremidade de um objeto” e no *Dicionário Aulete* (2014) aparece nas seguintes acepções: “extremidade mais ou menos aguda de qualquer coisa: ponta de uma corda: ponta dos dedos: ponta de faca: ponta de um espinho”. As acepções atribuídas à unidade lexical em exame justificam a sua menção como denominação da parte do cacho da banana, também situada na extremidade, ou seja, na parte terminal, na *ponta* do cacho. O Quadro 1 a seguir apresenta um panorama do grau de dicionarização das unidades lexicais em estudo.

Item lexical	Houaiss (2001)		Aulete (2014)	
	SIM	NÃO	SIM	NÃO
Badalo	X		X	
Buzo		X		X
Coração	X		X	
Coração da banana		X		X
Flor	X		X	
Flor da banana		X		X
Maçã da banana		X		X
Nó da banana		X		X
Umbigo	X		X	
Umbigo da banana		X		X
Magará		X		X
Mangará	X		X	
Olho da banana		X		X
Ponta	X		X	

Quadro 1: Dicionarização das unidades lexicais que nomeiam a “inflorescência do cacho da banana”, nas regiões Norte e Sul do Brasil

5. Considerações finais

A análise dos dados evidenciou semelhanças e diferenças entre as duas regiões estudadas em termos de escolhas lexicais para nomear o conceito expresso na pergunta 44/QSL/ALiB: predomínio *mangará* (40%) no Norte e de *coração* no Sul (25,2%). Os itens lexicais *flor* e *umbigo* foram documentados nas duas regiões em estudo.

O estudo demonstrou também a presença de grande contingente de unidades lexicais com ocorrências únicas: *buzo*, *umbigo da banana*, *maçã da banana*, *olho da banana*, *coração da banana*, *ponta*, *umbigo da banana* e *nó da banana* e com baixa produtividade: *badalo*, *magará*, *olho da banana* e *flor da banana*. Esse quadro pode representar ou o surgimento de formas inovadoras para nomear o conceito expresso na questão estudada, ou formas com tendências ao desuso.

O estudo apontou ainda que parte dos itens léxicos coletados não está dicionarizada – de um total de 14 (*badalo, buzo, coração, coração da banana, flor, flor da banana, maçã da banana, nó da banana, umbigo, umbigo da banana, magará, mangará, olho da banana, ponta*), quatro estão dicionarizadas na mesma acepção em que foram usadas pelos falantes (*coração, flor, umbigo, mangará*); duas estão dicionarizadas em outra acepção (*badalo, ponta*) e oito não estão dicionarizadas (*buzo, coração da banana, flor da banana, maçã da banana, nó da banana, umbigo da banana, magará e olho da banana*). Esses dados atestam a importância dos atlas linguísticos como fonte de regionalismos e, consequentemente, para a atualização dos dicionários gerais da língua em termos de marcas diatópicas.

Em síntese, os dados analisados demonstraram que os falantes das regiões Norte e Sul possuem preferências distintas para nomear o mesmo referente, em virtude de fatores sociais, históricos e culturais relacionados à história social dessas duas regiões brasileiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. *Teoria linguística*. Teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

AULETE, Caldas. *Dicionário Caldas Aulete*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014. Versão online.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Reflexões sobre a Dialectologia. In: ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). *Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português*: Brasil-Portugal. Campo Grande/MS: UFMS, 2008, p. 13-31

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva *et al.* *Atlas Linguístico do Brasil*. vol. 2. Londrina: Eduel, 2014.

COMITÊ Nacional do Projeto ALiB. *Questionários linguísticos*. 2001. Londrina: Eduel, 2001.

COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e linguística geral*. Trad.: Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: USP, 1979.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

SAPIR, Edward. Língua e ambiente. In: _____. *Linguística como ciência*. Ensaio. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969, p. 43-62.